



Com o novo formato da família moderna, menor o número de filhos, a mulher trabalhando fora, o idoso ficou isolado e quase sempre não está incluído nos projetos das atividades cotidianas do círculo familiar. A vontade do idoso vai se tornando menos importante e ele se sente incapaz, improdutivo, se sente excluído das atividades do dia a dia. Nesse contexto os velhos estão no pior dos dois mundos, o processo de modernização vem acabando com os mecanismos tradicionais de amparo a velhice sem ter ainda conseguido desenvolver mecanismos novos de proteção social típicos do Estado de Bem Estar, prevaletentes nas regiões mais desenvolvidas.

Com o aumento de expectativa de vida, a sociedade ainda não está preparada para receber essa nova demanda. O importante é ressaltar o seu bem estar e resgatar a sua dignidade, isso se faz valorizando suas qualidades e atributos, permitindo que ele possa contribuir com o meio em que vive, respeitando suas vontades. Pra muitos, a aceitação nessa fase é mais fácil, pra outros é sofrimento em ver a decadência do físico, da memória e da mente. A palavra velho tem um impacto muito grande na vida da pessoa, por isso aparece, o idoso, melhor idade, terceira idade. Quando falamos em qualidade de vida do idoso, estamos fazendo também um recorte cultural, pois muitas classes, não são acessíveis a certos direitos. É bom quando falar de envelhecimento, de qualidade de vida, considerar qual a classe desse idoso? Há uma ambiguidade de sentimentos e percepções: a queda na qualidade de vida devido a doenças, solidão e falta de autonomia, o ideal seria que os provimentos da aposentadoria fosse o suficiente a permitir certa autonomia financeira. Mas a realidade é diferente do que muitos imaginam de como seria, principalmente pela piora da condição física e clínica e pela necessidade de realizarem cuidados a outros membros da família (PIMENTEL; LOCH, 2020).

O envelhecer em tempos passados era por volta dos 40 anos e hoje chegar a idade de 80 ou mais, está cada vez mais comum, levando em conta também que a qualidade de vida nessa fase da vida muda de país para país, de políticas públicas e de vários outros fatores. Em países capitalistas, ser idoso é como não ter mais validade para o trabalho, de caduquice e que acarretará incapacidades funcionais e psíquicas. De acordo com (CORTÊ, 2008), a luta pelos direitos do idoso já vem sido travada no Brasil há bastante tempo. Um dos fatores que estão ligados diretamente ao bom envelhecimento é o ambiente familiar,

pois é o lugar onde acontecem as interações, se fundamentam os vínculos, onde ele criou a sua identidade. Esses vínculos se fazem necessários, para assegurar uma estabilidade emocional do idoso. Em vista disso é que o comportamento se torna saudável ou disfuncional.

A família e a sociedade devem ficar atentas aos anseios, as angústias, aos desejos dos idosos, pois eles tem vontade própria e quase nunca são respeitados ou questionados. Existem locais onde recebem esses idosos, onde eles podem ter uma relação com amigos, trabalhos artesanais, culinária, atividades físicas e sócio educativas, tudo baseados em suas necessidades e suas vontades. Esses grupos de convivência estão relacionados a criação de laços e vínculos relacionais, como um espaço capaz de promover saúde, bem estar e qualidade de vida, além de se tornar uma estratégia de se evitar a solidão. Além da importância do compartilhamento de sentimentos e experiências positivas.

Os idosos possuem uma concepção variada acerca dos grupos de convivência, destaca-se a importância desses espaços para redefinir a velhice e favorecer a ressocialização da pessoa idosa promovendo um envelhecer bem sucedido e saudável (MENESES; AGUIAR; MARTINS,2021).

Há uma satisfação generalizada em relação ao projeto de lazer em suas vidas devido aos impactos positivos em sua saúde física e mental bem como na interação social, o que contribui, em última instância, para a sensação de um envelhecer com mais qualidade de vida (CARNEIRO, 2021).

É uma pena que a demanda de atendimento é bem maior do que as vagas oferecidas. Volto à frase inicial, a pessoa idosa não é porque é velha que está morta, pelo contrário, é vida e muita vida, eles têm muito a ensinar, e pode oferecer muito de si, em sabedoria de vida, em relação de valores, em vínculos sinceros e profundos. Os jovens de hoje serão os idosos de amanhã. Por isso, é necessário que se faça um planejamento social, familiar, econômico e estrutural, com adoção de modos de vida e cuidados que favoreçam a saúde e melhor qualidade de vida na terceira idade. Essa é uma questão que cabe a todos nós, pois a população ainda não está bem conscientizada sobre boas práticas de vida (CARVALHO,2020).

A velhice em relação às outras fases da vida tem poucos estudos. Essa fase ficou muito padronizada e isso demonstra o quanto a sociedade está doentia. No mundo contemporâneo só tem beleza quando é revestido pela juventude. Buber tinha uma grande preocupação com o EU – TU na velhice, nossa imagem é vista de modo diferente na

sociedade, sofrem de invisibilidade. Nossa vida se sustenta pelo desejo do outro, com a velhice vamos desligando desse desejo do outro, o envelhecimento é um processo dialético é uma espiral, sempre recorrendo. Seria bom olhar as pessoas não pelo igual, mas pelas diferenças, assim a essência se torna uma produtora infinita de possibilidades.

As diferenças é o que singulariza o indivíduo. Pessoa é, portanto um campo constituído pelas relações de pessoas com outras pessoas e destas com o mundo enquanto tal, sendo constituída no mundo e não pelo mundo. Singularizar-se supõe necessariamente a existência presente no outro. Enquanto temporal ele se reconhece um ser de qualidade e como espacial, ele se reconhece como ser de quantidade e na junção tempo e espaço o EU se reconhece como continuidade de vida consciente (RIBEIRO, 2021).

O bom seria viver como se nunca fosse morrer, mas até a morte esta em nosso projeto de vida.



Maria Vilma Teixeira Souza
Associada da EPB- seccional de Goiânia-GO
Graduada de psicologia.